

"O melhor escritor de suspense da atualidade." – KEN FOLLETT

JOHN GRISHAM



A LISTA DO JUIZ



A LISTA DO JUIZ

1

O toque vinha do telefone fixo do escritório, um aparelho de pelo menos vinte anos que seguia resistindo a todos os avanços tecnológicos. A ligação foi atendida por uma recepcionista tatuada chamada Felicity, uma funcionária nova que terá ido embora antes mesmo de aprender como funcionam os telefones fixos. Ao que parecia, todo mundo estava saindo de lá, principalmente o pessoal do setor administrativo. A rotatividade era absurda. O moral estava lá embaixo. O orçamento da Comissão de Justiça tinha sido cortado pelo quarto ano consecutivo por um legislativo que mal sabia de sua existência.

Felicity transferiu a chamada para o telefone na mesa bagunçada de Lacy Stoltz.

- Tem uma ligação na linha três – anunciou.
- Quem é? – perguntou Lacy.
- Ela não quis dizer o nome.

Naquele momento, Lacy estava exausta demais para repreender e corrigir a garota, que nem tentou uma das muitas maneiras de descobrir quem estava ligando. As rotinas e os protocolos estavam ruindo. A organização no escritório piorava à medida que a Comissão de Justiça se transformava em uma bagunça sem ninguém para colocar ordem na casa.

Na condição de veterana, *a veterana*, era importante dar o exemplo.

- Obrigada – disse ela, e apertou o botão que piscava. – Lacy Stoltz.
- Boa tarde, Sra. Stoltz. Está disponível para conversarmos um pouco?

A voz da mulher, aparentemente culta, tinha sotaque que parecia local. Devia ter uns 40 anos, três a mais ou a menos, no máximo. Lacy sempre prestava atenção no tom de voz.

– Com quem eu falo?

– Por enquanto, pode me chamar de Margie, mas eu uso outros nomes.

Lacy quase riu.

– Bem, pelo menos você está sendo sincera. Normalmente, eu perco um tempo decifrando pseudônimos.

Ligações anônimas faziam parte da rotina. Quando as denúncias envolviam juízes, as pessoas eram sempre cautelosas e hesitantes ao se apresentar e enfrentar o sistema. Quase todas temiam a retaliação do governo.

– Podemos conversar em algum lugar reservado? – sugeriu Margie.

– O meu escritório é reservado, se você quiser.

– Ah, não – retrucou ela, assustada com aquela ideia. – Não vai dar certo. Você conhece o Edifício Siler, bem ao lado?

– Claro – respondeu Lacy enquanto se levantava e olhava pela janela para o prédio, uma das inúmeras e desinteressantes construções públicas no centro de Tallahassee.

– Tem um café no térreo. Podemos nos encontrar lá? – sugeriu Margie.

– Acho que sim. Quando?

– Agora. Estou no meu segundo café.

– Vamos com calma. Preciso de uns minutos. E você vai me reconhecer?

– Vou. Sua foto está no site. Estou bem no fundo, do lado esquerdo.

O escritório de Lacy era realmente reservado. A sala localizada à esquerda da sua ficara vazia após um ex-colega se transferir para um órgão superior. Na outra extremidade do corredor, uma sala havia sido convertida em um depósito improvisado. Ela caminhou em direção a Felicity e entrou na sala de Darren Trope, que trabalhava lá há apenas dois anos mas já estava em busca de outro emprego.

– Ocupado? – perguntou ela enquanto interrompia seja lá o que ele estivesse fazendo.

– Na verdade, não.

Mesmo ocupado, Darren sempre atendia Lacy se ela precisasse de alguma coisa.

– Preciso de um favor. Estou indo até o Siler me encontrar com uma desconhecida que acabou de admitir que está usando um nome falso.

– Ah, eu amo esse clima de mistério. Com certeza, é melhor do que ficar aqui sentado lendo sobre um juiz qualquer que assediou uma testemunha.

– Assediou como?

– Digamos que de forma bastante explícita.

– Alguma foto ou vídeo?

– Ainda não.

– Me avisa se você conseguir. Então, se importa de dar uma passadinha lá daqui a uns quinze minutos e tirar uma foto?

– Claro. Sem problemas. Não faz ideia de quem ela é?

– Nenhuma.

Lacy saiu do prédio, deu a volta no quarteirão, desfrutou de alguns minutos de ar fresco e entrou no saguão do Edifício Siler. Eram quase quatro da tarde e não havia mais ninguém tomando café àquela hora. Margie estava em uma mesinha no fundo, do lado esquerdo. Ela acenou brevemente, como se não quisesse que alguém reparasse que estava ali. Lacy sorriu e foi na direção dela.

Negra, 40 e poucos anos, tinha aparência profissional e culta, era bonita e usava salto alto e calça social, roupas melhores do que as de Lacy, embora atualmente qualquer vestimenta fosse permitida na Comissão de Justiça. O antigo chefe odiava jeans e queria que todos usassem terno, mas ele tinha se aposentado dois anos antes e levado consigo a maioria das regras.

Lacy passou pela barista, que parecia desocupada, os dois cotovelos colados no balcão, completamente hipnotizada pelo celular cor-de-rosa que segurava com as duas mãos. Ela não desgrudava os olhos do aparelho, nem sequer lhe passava pela cabeça cumprimentar os clientes, e Lacy concluiu que talvez fosse melhor não ingerir mais cafeína.

Sem se levantar, Margie estendeu a mão.

– Muito prazer. Aceita um café?

Lacy sorriu, apertou a mão dela e se sentou do outro lado da mesa quadrada.

– Não, obrigada. Margie, certo?

– Por enquanto, sim.

– Começamos mal. Por que você está usando um pseudônimo?

– A minha história levará horas pra ser contada, e não tenho certeza se você vai querer ouvir até o fim.

– Então por que se dar ao trabalho?

– Por favor, Sra. Stoltz.

– Lacy.

– Por favor, Lacy. Você não faz ideia do quanto eu sofri pra chegar até aqui. Eu estou destruída, sabia?

Ela parecia bem, embora um pouco apreensiva. Talvez fosse a segunda dose de café. Seus olhos se moviam de um lado para outro. Eram bonitos e estavam emoldurados por uma grande armação de óculos roxa. Ela provavelmente não precisava usar óculos. Faziam parte do look, um disfarce sutil.

– Bem, não sei direito em que posso ajudar – disse Lacy. – Por que você não começa a falar e quem sabe a gente chega a algum lugar?

– Eu li a seu respeito. – Ela enfiou a mão em uma mochila e puxou uma pasta de lá. – O caso do cassino indígena, não muito tempo atrás. Você pegou uma juíza roubando e mandou ela pra cadeia. Um repórter descreveu esse caso como o maior escândalo de suborno da história da jurisprudência norte-americana.

A pasta tinha cinco centímetros de espessura e parecia estar imaculadamente organizada.

Lacy notou o uso da palavra “jurisprudência”. Era incomum para uma pessoa leiga.

– Foi um caso importante – respondeu ela, fingindo modéstia.

Margie sorriu.

– Importante? Você derrubou uma quadrilha, incriminou a juíza e mandou um monte de gente pra prisão. Acho que todos ainda estão lá.

– É verdade, mas não foi uma conquista só minha. O FBI também estava envolvido. Foi um caso complicado, e infelizmente algumas pessoas acabaram morrendo.

– Incluindo seu colega, o Sr. Hugo Hatch.

– Sim, incluindo Hugo. Curioso. Por que toda essa pesquisa a meu respeito?

Margie cruzou as mãos e as pousou em cima da pasta, que ainda não havia aberto. Seus indicadores tremiam levemente. Ela olhou para a entrada e ao redor mais uma vez, embora ninguém tivesse entrado, saído ou se mexido, nem mesmo a barista, perdida em pensamentos. Ela tomou um gole da bebida pelo canudo. Se aquele era realmente seu segundo café, ela mal havia tocado nele. Margie disse que sofreu. Admitiu estar “destruída”. Lacy percebeu que a mulher estava assustada.

– Ah, não sei bem se foi uma pesquisa de fato. Apenas algumas coisas que achei na internet. Está tudo aí, você sabe como funciona.

Lacy sorriu, tentando manter a paciência.

– Não tenho certeza se estamos chegando a algum lugar.

– O seu trabalho é investigar juízes acusados de alguma irregularidade, certo?

– Certo.

– E você faz isso há quanto tempo?

– Desculpe, mas qual a relevância disso?

– Por favor.

– Há doze anos.

Falar esse número em voz alta era o mesmo que admitir uma derrota. Parecia tempo demais.

– E o que você precisa pra aceitar um caso? – perguntou Margie, voltando ao assunto.

Lacy respirou fundo e manteve a paciência. As pessoas que a procuravam para fazer uma denúncia geralmente eram muito inquietas. Ela sorriu e disse:

– Bem, normalmente, quando uma pessoa quer denunciar um juiz, ela entra em contato e nós agendamos uma reunião. Se a acusação for relevante, a pessoa faz uma denúncia formal, que mantemos em sigilo por 45 dias enquanto analisamos. Chamamos essa etapa de avaliação. Nove em cada dez vezes o caso para nessa fase e a denúncia é descartada. Se encontramos uma possível irregularidade, notificamos o juiz e ele tem trinta dias para responder. Em geral, todo mundo contrata um advogado. Nós investigamos, fazemos audiências, notificamos as testemunhas, o de sempre.

Enquanto ela falava, Darren entrou sozinho, pediu um café descafeinado e ficou aguardando, enquanto ignorava as duas mulheres. Depois levou o café para uma mesa do outro lado do salão, onde abriu um notebook e começou o que parecia ser algum trabalho importante. Discretamente, apontou a câmera do notebook para as costas de Lacy e para o rosto de Margie, deu um zoom para conseguir um close e começou a filmar. Ele gravou um vídeo e tirou algumas fotos.

Se Margie notou sua presença, não demonstrou.

Ela ouviu Lacy atentamente e perguntou:

– Com que frequência um juiz é removido do cargo?

Mais uma vez, qual era a relevância daquilo?

– Não muita, felizmente. Temos jurisdição sobre mil juízes, e grande parte é de profissionais honestos e trabalhadores. A maioria das denúncias não é tão séria. Vemos muitas pessoas insatisfeitas por não conseguirem o que queriam. Muitos casos de divórcio. Advogados com raiva porque perderam um caso. Estamos sempre ocupados, mas no geral os conflitos são resolvidos.

Ela estava fazendo o trabalho parecer chato, mas, depois de doze anos, era exatamente isso que sentia.

Margie ouviu com atenção, a ponta dos dedos batendo na pasta. Ela respirou fundo e perguntou:

– A pessoa que faz a denúncia é sempre identificada?

Lacy pensou por um segundo e respondeu:

– Em algum momento, sim. É muito raro que ela permaneça anônima.

– Por quê?

– Porque a pessoa geralmente conhece os fatos e precisa depor diante do juiz. Seria difícil incriminar um juiz sem o depoimento de quem o denunciou. Você está com medo?

A própria palavra pareceu assustá-la.

– Sim, pode-se dizer que sim.

Lacy franziu a testa e pareceu entediada.

– Olha, por que não vamos direto ao ponto? Quão séria é a sua acusação?

Margie fechou os olhos e conseguiu dizer:

– Homicídio.

Ela imediatamente os abriu e olhou ao redor para averiguar se alguém tinha ouvido. Não havia ninguém perto o suficiente para escutar alguma coisa, exceto Lacy, que assimilou a informação com o ceticismo que havia desenvolvido depois de tantos anos fazendo aquele trabalho. Ela se lembrou novamente de manter a paciência. Quando olhou para os olhos de Margie, eles estavam cheios d'água.

Lacy se inclinou um pouco mais para perto e perguntou em voz baixa:

– Você está insinuando que um dos nossos juízes matou alguém?

Margie mordeu o lábio e balançou a cabeça.

– Eu estou afirmando que ele fez isso.

– Como você sabe?

– O meu pai foi uma das vítimas.

Lacy respirou fundo e olhou ao redor.

– Vítimas? Tem mais de uma?

– Tem. Acredito que meu pai tenha sido a segunda vítima dele. Não tenho certeza de quantas são, mas tenho certeza de que ele é culpado.

– Interessante.

– Pra dizer o mínimo. Quantas denúncias você já recebeu dizendo que um juiz matou alguém?

– Bem, nenhuma.

– Exatamente. Na história dos Estados Unidos, quantos juízes foram condenados por homicídio?

– Nunca ouvi falar de nenhum.

– Exatamente. Zero. Portanto, não descarte a ideia dizendo que é “interessante”.

– Eu não quis ofender.

Do outro lado do salão, Darren terminou seu trabalho urgente e foi embora. Nenhuma das mulheres se deu conta de sua partida.

– Não me ofendi – disse Margie. – Não vou falar mais nada agora. Tenho muitas informações que gostaria de compartilhar com você e mais ninguém, mas não aqui.

Lacy tivera sua cota de lunáticos e desequilibrados com caixas e sacolas cheias de documentos comprovando que algum juiz desprezível era corrupto. Quase sempre, depois de alguns minutos de interação cara a cara, ela conseguia chegar ao seu veredito e começava a traçar planos para encaminhar a denúncia para a gaveta. Ao longo dos anos, tinha aprendido a ler as pessoas, embora não fosse muito difícil, levando em consideração a quantidade de gente estranha que cruzava seu caminho.

Margie, ou qualquer que fosse o nome dela, não era doída nem esquisita, tampouco desequilibrada. Ela estava envolvida em alguma coisa e estava assustada.

– Tudo bem. O que fazemos agora?

– O que podemos fazer?

– Olha, você entrou em contato comigo. Quer me contar ou não? Não faço joguinhos e não tenho tempo pra arrancar informações de você nem de qualquer outra pessoa que queira denunciar algum juiz. Perco muito tempo convencendo as pessoas que me ligam a me passar informações. Entro nesse buraco sem fundo uma vez por mês. Você vai me falar ou não?

Margie começou a chorar novamente e a secar as bochechas. Lacy a analisou com a maior compaixão possível, mas também estava disposta a levantar-se da mesa e não olhar mais para trás.

No entanto, tinha ficado intrigada com a acusação. Parte de sua rotina na Comissão de Justiça era sofrer com as denúncias mundanas e banais de pessoas infelizes, com problemas insignificantes e pouco a perder. Um homicídio cometido por um juiz parecia surreal demais para acreditar.

Por fim, Margie disse:

– Estou hospedada no Ramada, na East Gaines. A gente pode se encontrar lá depois do expediente. Mas você tem que ir sozinha.

Lacy assentiu como se tivesse previsto isso.

– Tudo bem, mas preciso tomar certas precauções. Temos uma regra que me proíbe de conduzir uma reunião inicial com o denunciante fora do escritório e sozinha. Eu teria que levar outro investigador, um dos meus colegas.

– Tipo o Sr. Trope ali? – perguntou Margie, apontando para a cadeira vazia onde Darren estava sentado antes.

Lacy lentamente se virou para ver do que ela estava falando enquanto tentava desesperadamente pensar em uma resposta.

– A culpa é do site de vocês, ok? Lá tem o rosto sorridente de todos os funcionários. – De dentro da pasta, ela tirou uma foto colorida de si mesma, tamanho 20 x 25cm, e a deslizou sobre a mesa. – Aqui, com meus cumprimentos, uma foto colorida e atual minha, muito melhor do que as que o Sr. Trope acabou de tirar.

– Do que você tá falando?

– Tenho certeza que ele já passou a minha foto pelo programa de reconhecimento facial de vocês e não encontrou nada. Não estou em nenhum banco de dados.

– O quê?

Margie tinha razão, mas Lacy tinha ficado nervosa e não estava pronta para falar a verdade.

– Ah, você sabe do que eu estou falando. Ou você vai até lá sozinha ou nunca mais vai me ver de novo. Você é a investigadora mais experiente do seu departamento e, nesse momento, a sua chefe é interina. Você pode fazer o que quiser.

– Eu adoraria que fosse assim tão fácil.

– Digamos que vamos só beber alguma coisa depois do trabalho, nada mais que isso. Nos encontramos no bar e, se tudo der certo, podemos subir até o meu quarto e conversar com ainda mais privacidade.

– Não posso ir ao seu quarto. É contra os nossos procedimentos. Se você fizer uma denúncia e uma reunião privada for necessária, tudo bem. Mas alguém tem que saber onde eu estou, pelo menos a princípio.

– Está bem. Que horas?

– Que tal às seis?

– Vou estar sozinha do lado direito no fundo do bar, assim como você. Sem grampos, gravadores, câmeras secretas, sem colegas fingindo beber alguma coisa enquanto filmam. E manda um oi pro Darren. Quem sabe um dia a gente possa se conhecer. Combinado?

– Combinado.

– Está bem. Você pode ir agora.

Enquanto dava a volta no quarteirão rumo ao escritório, Lacy teve que admitir que não se lembrava de ter levado uma surra tão grande em uma primeira entrevista.

ELA DESLIZOU A FOTO COLORIDA sobre a mesa de Darren e disse:

– Bom trabalho. Foi pego no flagra. Ela sabe o nome de todos nós, a patente e o número de registro de cada um. Me deu essa foto e disse que era muito melhor do que as que você tirou.

– É. Ela tem razão.

– Alguma ideia de quem ela é?

– Não. Joguei a foto dela em todos os nossos bancos de dados e não encontrei nada. O que, como você sabe, não significa grande coisa.

– Significa que ela não foi presa na Flórida nos últimos seis anos. Você consegue achar algo no sistema do FBI?

– Provavelmente não. Eles exigem um motivo, e, como não sei nada, não tenho como dar essa informação. Posso fazer uma pergunta meio óbvia?

– Por favor.

– A Comissão de Justiça é um departamento de investigação, certo?

– Deveria ser.

– Então por que tem a nossa biografia e a nossa foto naquele site idiota?

– Pergunta pra chefe.

– Nós não temos chefe. Temos uma mulher que não fez nada relevante em toda a sua carreira e, quando a gente der por falta dela, ela já vai estar bem longe daqui.

– Provavelmente. Olha, Darren, nós já tivemos essa conversa antes. Não queremos nosso belo rosto naquele maldito site da Comissão de Justiça. É por isso que não atualizo o meu perfil há cinco anos. Lá eu ainda tenho 34.

– Eu diria 31, mas sou suspeito.

– Obrigada.

– Acho que no fundo não tem mal nenhum nisso. Não estamos atrás de assassinos nem traficantes de drogas nem nada do tipo.

– Pois é.

– Então, qual é a denúncia dela, seja lá quem ela for?

– Ainda não sei. Obrigada pela ajuda.

– De nada.

2

O saguão do Ramada preenchia uma grande parte do átrio do hotel, com pé-direito altíssimo e vidro cobrindo o teto inteiro. Às seis da tarde, o bar estava lotado de lobistas bem-vestidos em busca de secretárias atraentes, e a maioria das mesas tinha sido ocupada. A cinco quarteirões dali, no Capitólio, a Assembleia Legislativa da Flórida estava em sessão, e todos os salões de conferência no centro da cidade recebiam pessoas importantes interessadas apenas em política, sexo e dinheiro. Lacy entrou, atraiu milhares de olhares dos homens presentes e caminhou em direção ao fundo do lado direito, onde encontrou Margie sozinha em uma mesinha no canto com um copo de água à frente.

– Obrigada por vir até aqui – disse ela enquanto Lacy se sentava.

– Tudo bem. Você conhece esse lugar?

– Não. Primeira vez. Bem movimentado, né?

– Nessa época do ano, sim. As coisas se acalmam depois do Festival.

– Festival?

– A sessão legislativa. De janeiro a março. Tranque o armário de bebidas.

Esconda as mulheres e crianças. Você sabe como é.

– Acho que não, desculpe.

– Eu chutaria que você não mora aqui.

– Não moro, não.

Uma garçonete apressada parou e perguntou se elas queriam beber alguma coisa, franzindo a testa ao olhar para o copo de água. A mensagem

dela era bem clara: “Ei, moças, o bar está lotado e posso muito bem passar a mesa de vocês para alguém que queira beber de verdade.”

– Uma taça de Pinot Grigio – disse Lacy.

– O mesmo pra mim – disse Margie depressa, e a garçonete se foi.

Lacy olhou para os dois lados e se certificou de que ninguém conseguiria ouvir o que elas dissessem. Havia espaço suficiente entre as mesas, e um murmúrio constante que emanava do bar abafava todos os demais ruídos.

– Vamos lá – disse Lacy. – Então você não mora aqui e eu não sei o seu nome verdadeiro. Eu diria que não começamos muito bem, mas estou acostumada com isso. No entanto, como acho que já lhe disse, perco muito tempo com pessoas que entram em contato comigo e depois se calam quando chega a hora de contar suas histórias.

– O que você gostaria de saber primeiro?

– Que tal o seu nome?

– Pode ser.

– Ótimo.

– Mas eu quero saber o que você vai fazer com o meu nome. Abrir uma diligência? O arquivo é digital ou daqueles em papel mesmo? Sendo digital, onde fica armazenado? Quem mais vai ter acesso ao meu nome?

Lacy engoliu em seco e a encarou. Margie não conseguiu sustentar o olhar e virou o rosto.

– Você está nervosa e age como se alguém estivesse te perseguindo – comentou Lacy.

– Ninguém está me perseguindo, Lacy, mas tudo sempre acaba deixando um rastro.

– Um rastro que alguém pode seguir. Esse alguém é o tal juiz suspeito de homicídio? Vamos lá, Margie. Preciso de alguma informação.

– Tudo deixa um rastro.

– Você já disse isso.

A garçonete passou apressada, parando apenas por tempo suficiente para servir duas taças de vinho e uma tigela de castanhas.

Margie pareceu não notar o vinho, mas Lacy tomou um gole.

– Então, ainda estamos presas à questão do nome – disse ela. – A princípio, vou anotá-lo em algum lugar e mantê-lo fora da nossa rede.

Margie assentiu e virou outra pessoa.

– Meu nome é Jeri Crosby, tenho 46 anos, sou professora de ciência po-

lítica na Universidade do Sul do Alabama, em Mobile. Sou divorciada e tenho uma filha.

– Obrigada. E você acha que seu pai foi assassinado por um juiz. Correto?

– Sim, um juiz da Flórida.

– Isso reduz pra cerca de mil.

– Um juiz federal do Vigésimo Segundo Distrito.

– Impressionante. Agora reduzimos pra cerca de quarenta. Quando eu vou saber o nome do suspeito?

– Em breve. Podemos ir um pouco mais devagar? Hoje em dia qualquer coisa me deixa nervosa.

– Você nem tocou no seu vinho. Quem sabe ajuda.

Jeri tomou um gole e respirou fundo.

– Chuto que você tenha uns 40 anos.

– Quase. Trinta e nove, então faço 40 em breve. Difícil?

– Bem, mais ou menos, eu acho. Mas a vida continua. Então, vinte e dois anos atrás você ainda estava na escola, certo?

– Acho que sim. Mas por que isso é relevante?

– Relaxa, Lacy, agora eu vou falar, tá? Vou chegar a algum lugar. Você era apenas uma garota e provavelmente nunca leu sobre o assassinato de Bryan Burke, um professor de direito aposentado.

– Nunca ouvi falar. É o seu pai?

– É.

– Sinto muito.

– Tudo bem. Por quase trinta anos meu pai deu aulas na Faculdade de Direito de Stetson, em Gulfport, na Flórida. Na região de Tampa.

– Eu conheço.

– Ele se aposentou aos 60 anos, por motivos familiares, e voltou para a Carolina do Sul. Tenho um dossiê completo sobre o meu pai e em algum momento vou entregar para você. Ele era um homem e tanto. Não preciso nem dizer que o assassinato dele abalou profundamente a nossa vida e, pra ser sincera, mexe comigo até hoje. Perder o pai muito jovem é péssimo, mas quando se trata de um assassinato, e um assassinato não resolvido, é pior ainda. Vinte e dois anos depois, o caso está praticamente esquecido e a polícia abandonou a investigação. Quando percebemos que não estavam chegando a lugar nenhum, jurei tentar de tudo pra encontrar o assassino.

– A polícia abandonou a investigação?

Ela bebeu um pouco de vinho.

– Com o passar do tempo, sim. O inquérito ainda está aberto, e eu entro em contato com eles de vez em quando. Não vim aqui pra falar mal da polícia, entende? Eles fizeram o melhor que podiam naquelas circunstâncias, mas foi um crime perfeito. Todos foram.

Lacy tomou um gole de vinho.

– Um crime perfeito?

– Sim. Nenhuma testemunha. Nenhum motivo aparente. A perícia não pegou nada, ou pelo menos nada que possa levar até o assassino.

Lacy quase perguntou “E o que você acha que eu posso fazer?”. Mas tomou outro gole de vinho e disse:

– Não tenho certeza se a Comissão de Justiça tem condições de investigar um caso de homicídio antigo como esse na Carolina do Sul.

– Não é isso que estou pedindo. A jurisdição de vocês inclui os juizes da Flórida que podem estar envolvidos em irregularidades, certo?

– Certo.

– E isso inclui homicídios?

– Acredito que sim, mas nunca tivemos um caso como esse. Isso é um trabalho mais pesado, pra polícia estadual, talvez pro FBI.

– A polícia estadual tentou. O FBI não tem interesse, por dois motivos. Em primeiro lugar, não há nenhuma questão federal. Segundo, não há evidências que conectem os homicídios, então o FBI não sabe de nada, na verdade ninguém além de mim sabe, eu acho, que provavelmente estamos lidando com um serial killer.

– Você já entrou em contato com o FBI?

– Anos atrás. Como familiares da vítima, estávamos desesperados por ajuda. Mas não conseguimos nada.

Lacy bebeu mais um gole de vinho.

– Olha, você tá me deixando nervosa, então vamos repassar tudo isso bem devagar. Você acredita que um juiz matou o seu pai vinte e dois anos atrás. Esse juiz estava na ativa quando o crime ocorreu?

– Não. Ele tomou posse em 2004.

Lacy assimilou a informação e olhou ao redor. Um homem que parecia ser um lobista estava sentado na mesa ao lado, encarando-a com um ar lascivo que não era incomum no Capitólio. Ela o encarou de volta até ele desviar o olhar, então se inclinou para mais perto de Jeri.

– Eu me sentiria mais confortável se nós conversássemos em outro lugar. Está começando a ficar lotado aqui.

– Eu tenho uma salinha de reunião no primeiro andar. Prometo que é seguro. Se eu tentar te agredir, você pode gritar e sair correndo.

– Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.

Jeri pagou o vinho e elas foram embora do bar. Passaram pelo átrio e subiram a escada rolante até o andar corporativo, onde Jeri destrancou uma das várias salas de reunião. Na mesa havia inúmeras pastas.

Elas se acomodaram em lados opostos da mesa, as pastas ao alcance das mãos. Nada de notebooks ou blocos de papel. Os celulares estavam em suas bolsas. Jeri estava visivelmente mais relaxada e começou dizendo:

– Bom, a nossa conversa vai ser extraoficial, então nada de anotações. Pelo menos por enquanto. Meu pai, Bryan Burke, se aposentou na Stetson em 1990. Ele deu aulas lá por quase trinta anos e era uma lenda, um professor muito querido. Ele e a minha mãe decidiram voltar pra Gaffney, na Carolina do Sul, onde cresceram. Eles tinham vários parentes por lá e algumas terras que haviam herdado. Construíram um chalezinho lindo na floresta e plantaram um jardim. Minha avó materna morava na propriedade, e eles cuidavam dela. Resumindo, foi uma aposentadoria tranquila. Eles tinham uma vida estável, boa saúde e eram frequentadores assíduos de uma igreja da região. Papai lia muito, escrevia artigos para revistas jurídicas, mantinha contato com velhos amigos, fazia novas amizades pela cidade. E então foi assassinado.

Ela estendeu a mão para uma pasta azul, quase do tamanho de um papel ofício, com cerca de três centímetros de espessura, assim como as outras. Ela a deslizou sobre a mesa enquanto dizia:

– Isso aqui é uma coleção de matérias sobre a carreira e a morte do meu pai. Algumas tive que desenterrar, outras achei na internet, mas não salvei nada disso em lugar nenhum.

Lacy não abriu a pasta, então Jeri prosseguiu:

– Atrás da divisória amarela tem uma foto da cena do crime. Já vi várias vezes e prefiro não ver de novo. Mas você pode dar uma olhada se quiser.

Lacy abriu a pasta na divisória e franziu a testa para a foto colorida ampliada. O homem estava deitado em um matagal com uma corda apertada em volta do pescoço, cortando sua pele. Parecia uma corda azul de náilon, manchada de sangue seco. Na nuca havia um nó grosso.

Lacy fechou a pasta e sussurrou:

– Sinto muito.

– É estranho. Depois de vinte e dois anos, você aprende a lidar com a dor, coloca ela em uma caixa e se esforça para mantê-la lá. Mas é muito fácil baixar a guarda e permitir que as memórias voltem. Agora eu estou bem, Lacy. Neste exato momento estou muito bem porque estou falando com você e fazendo alguma coisa a respeito. Você não faz ideia de quantas horas passei reunindo forças pra chegar aqui. É tão difícil, tão aterrorizante.

– O que acha de falarmos sobre o crime?

Ela respirou fundo.

– Muito bem. Meu pai gostava de fazer caminhadas longas pela floresta que ficava atrás do chalé. Minha mãe costumava ir junto, mas ela tinha artrite. Em 1992, numa agradável manhã de primavera, ele deu um beijo de despedida nela, pegou seu bastão de caminhada e desceu a trilha. A autópsia apontou morte por asfixia, mas também havia um ferimento na cabeça. Era muito fácil especular que alguém o acertou na cabeça e depois o matou usando uma corda de náilon. Ele foi arrastado pra fora da trilha e deixado numa ravina, onde o acharam no final da tarde. O local do crime não revelou nada... nenhuma arma, nenhuma pegada de sapato ou bota... o chão estava seco. Nenhum sinal de luta, nenhum fio de cabelo nem pedaço de tecido deixado pra trás. Nada. A corda foi analisada por mais de um laboratório de perícia e não acharam nenhuma pista. Tem um relatório na pasta. O chalé não fica longe da cidade, mas ainda assim é um pouco isolado, e ninguém viu nada fora do comum. Nenhum carro ou caminhonete com adesivos ou placa de outro estado. Nenhum desconhecido à espreita. Há muitos lugares pra estacionar e se esconder, e por onde se infiltrar sem deixar rastro. Nada veio à tona em vinte e dois anos, Lacy. É um caso realmente difícil. Nós aceitamos a dura realidade de que o crime nunca será resolvido.

– Nós?

– Sim, bem, é mais como um exército de um membro só. Minha mãe morreu dois anos depois do meu pai. Ela nunca se recuperou e meio que chegou ao fundo do poço. Tenho um irmão mais velho que mora na Califórnia. Ele aguentou firme por alguns anos antes de perder o interesse. Ele se cansou de ouvir a polícia dizer que não fez progresso nenhum. A gente se fala às vezes, mas raramente mencionamos o papai. Então, estou por conta própria. É bem solitário estar nessa situação.

– Parece terrível. Também me parece que há uma distância muito grande entre o local do crime na Carolina do Sul e um tribunal no noroeste da Flórida. Qual é a conexão?

– Sinceramente, não há muita. Apenas toneladas de teorias.

– Você não veio até aqui apenas com teorias. E a motivação?

– O motivo é tudo que eu tenho.

– Você pretende dividir essa informação comigo?

– Espere mais um pouco, Lacy. Você não tem noção. Eu nem acredito que estou sentada aqui acusando alguém de homicídio, sem provas.

– Você não está acusando ninguém, Jeri. Você tem um suspeito em potencial, caso contrário não estaria aqui. Diga o nome dele, não vou contar pra ninguém. Não até você autorizar, tudo bem? Combinado?

– Combinado.

– Agora, vamos voltar à motivação.

– A motivação me consumiu desde o início. Não consegui encontrar ninguém que não gostasse do meu pai. Ele recebia um bom salário acadêmico e economizava dinheiro. Nunca investiu em negócios, terras nem nada. Na verdade, ele sempre desprezou empreiteiros e especuladores financeiros. Alguns colegas do meu pai, também professores de direito, perderam dinheiro na bolsa de valores, em imóveis e em outros esquemas. Ele não gostava muito deles. Não tinha interesses comerciais, sócios, *joint ventures*, coisas que podem gerar conflitos e inimizades. Odiava dívidas e pagava as contas em dia. Era fiel à esposa e à família, até onde eu sei. Ninguém acreditaria que Bryan Burke seria capaz de trair a esposa. Seus chefes o tratavam muito bem, e seus alunos o admiravam. Ao longo de trinta anos, ele foi eleito o melhor professor da faculdade. Vivia recusando o cargo de diretor porque achava que o seu verdadeiro dom era ensinar, ele queria estar em sala de aula. Ele não era perfeito, Lacy, mas estava muito perto disso.

– Queria ter tido a chance de conhecê-lo.

– Ele era um homem doce, encantador e não tinha inimigos, ou pelo menos não conhecemos nenhum. Não foi um assalto, porque a carteira dele estava em casa e não levaram mais nada. E com certeza não foi um acidente. Por isso, desde o começo a polícia ficou perdida.

– Mas...?

– Mas pode ser que tenha mais coisa aí. É um tiro no escuro, mas é tudo que tenho. Estou com sede. E você?

Lacy negou com a cabeça. Jeri foi até um aparador, despejou água gelada de uma jarra e voltou ao lugar. Respirou fundo e continuou:

– Como eu disse, meu pai adorava estar em sala de aula. Adorava ensinar. Pra ele, aquilo era uma performance, e ele era o único ator no palco. Ele adorava estar no controle de tudo, do conteúdo que ensinava e, em especial, de seus alunos. Tem uma sala no segundo andar da faculdade que pertenceu a ele por décadas. Hoje em dia tem uma placa lá com o nome dele. É um miniauditório com oitenta lugares em meia-lua, e estava sempre lotado. Suas aulas de direito constitucional eram cativantes, desafiadoras, muitas vezes engraçadas. Ele tinha um ótimo senso de humor. Todos os alunos queriam aprender direito constitucional com o professor Burke... ele odiava ser chamado de Dr. Burke... e os que não conseguiam se matricular na turma frequentemente assistiam como ouvintes. Era comum ver professores visitantes, diretores e ex-alunos se espremendo na sala. Às vezes até assistiam do corredor. O reitor da universidade, ele próprio advogado, era um visitante frequente. Consegue entender o cenário?

– Sim, e não consigo imaginar. Eu me lembro, com certo pavor, do meu curso de direito.

– Essa parece ser a norma. Os oitenta alunos, todos do primeiro ano, que tiveram a sorte de ser aprovados, sabiam que ele podia ser um cara durão. Ele esperava que estivessem preparados e prontos pra se expressar.

Os olhos dela ficaram marejados novamente ao se lembrar do pai. Lacy sorriu e lhe fez um aceno de incentivo.

– Meu pai adorava ensinar e adorava o método socrático de ensino, em que selecionava um aluno aleatoriamente e pedia para ele apresentar um caso para a turma. Se o aluno cometesse um erro ou não conseguisse se manter firme, a discussão geralmente se tornava controversa. Ao longo dos anos, conversei com muitos de seus ex-alunos e, embora todos admirem ele, ainda estremecem com a ideia de tentar argumentar contra o professor Burke. Ele era temido, mas também muito admirado. E todos os ex-alunos ficaram chocados com sua morte. Quem poderia matar o professor Burke?

– Você conversou com ex-alunos?

– Conversei. Disse que estava reunindo histórias sobre o meu pai pra um possível livro. Faço isso há anos. O livro nunca será escrito, mas é uma ótima maneira de puxar conversa. Basta dizer que você está trabalhando em um livro e as pessoas começam a falar. Tenho pelo menos vinte fotos

enviadas por ex-alunos dele. Meu pai na formatura. Tomando uma cerveja em um jogo de softball da faculdade. Na tribuna em um júri simulado. Todas as pequenas cenas da vida universitária. Eles o amavam.

– Tenho certeza de que você tem uma pasta com tudo isso.

– Claro. Não aqui, mas ficarei feliz em mostrar a você.

– Talvez mais tarde. Estávamos falando sobre a motivação.

– Sim. Bem, muitos anos atrás, eu estava conversando com um advogado em Orlando que foi aluno do meu pai, e ele me contou uma história interessante. Um dia, meu pai chamou um garoto pra debater um caso envolvendo a Quarta Emenda, sobre buscas e apreensões. Era um cara comum, nada de especial. Ele estava preparado, mas tinha uma opinião contrária à do meu pai, então eles tiveram um debate dos bons. Meu pai adorava quando os alunos se interessavam e rebatiam seus argumentos. Mas esse aluno fez alguns comentários um pouco extremistas e passou do limite. Ele foi arrogante com o meu pai, que no final das contas encerrou o assunto com uma risada. Na aula seguinte, o garoto provavelmente achou que passaria um tempo fora do radar do meu pai e chegou despreparado, mas ele o chamou novamente. Tentar improvisar era um pecado imperdoável, e o garoto fracassou em grande estilo. Dois dias depois, o professor Burke chamou esse aluno pela terceira vez. Ele estava preparado e pronto pro embate. O garoto argumentava, meu pai rebatia, o garoto devolvia, mas meu pai acabou com os argumentos dele. Não é nada inteligente discutir com um professor que ensina o mesmo conteúdo há anos, mas esse cara era arrogante e seguro de si. O nocaute veio com um único argumento que destruiu o posicionamento do garoto e fez ele surtar. Ele foi humilhado e perdeu o controle. Xingou, atirou um caderno, pegou a mochila e saiu da sala batendo a porta, que quase quebrou. Com o timing perfeito, meu pai disse: “Parece que ele não está pronto pra encarar um júri.” A turma riu tão alto que o garoto com certeza ouviu. Ele abandonou a disciplina e começou um contra-ataque. Reclamou com o diretor. Ele se considerava motivo de chacota e acabou largando o curso de direito. Escreveu cartas para ex-alunos, políticos, outros professores... teve algumas atitudes realmente bizarras. Escreveu cartas pro meu pai. Eram bem escritas, mas sem sentido e não exatamente ameaçadoras. A última carta foi enviada de uma clínica psiquiátrica particular perto do Fort Lauderdale, e escrita à mão em papel timbrado. Nela, ele alegou estar sofrendo de um colapso nervoso causado inteiramente pelo meu pai.

Ela fez uma pausa e tomou um gole de água.

Lacy aguardou, então disse:

– É isso? Tudo por causa de um estudante de direito frustrado?

– Sim, mas é bem mais complicado do que isso.

– Espero que sim. O que aconteceu com ele?

– Ele se recuperou e terminou a faculdade de direito em Miami. Atualmente é juiz. Olha, eu sei que você não está levando a sério, e com razão, mas ele é o único suspeito possível no mundo.

– Por que acha isso?

Jeri olhou para as pastas na extremidade da mesa. Havia cinco delas, todas com mais de dois centímetros de espessura, cada uma de uma cor diferente. Lacy seguiu o olhar dela, por fim pegou a deixa e perguntou:

– E aquelas são as outras cinco vítimas?

– Se eu não pensasse assim, não estaria aqui.

– Tenho certeza de que existe uma conexão.

– Há duas conexões. Uma delas é o método. Todas as seis vítimas foram atingidas na cabeça e depois asfixiadas com uma corda de náilon. Depois foram amarradas com o mesmo tipo de nó, ficaram com um ferimento no pescoço e foram deixadas pra trás, como um cartão de visita. E todas as seis tinham um histórico complicado com o nosso juiz.

– Um histórico complicado?

– Ele as conhecia bem. E as perseguiu por anos.

Lacy prendeu a respiração, engoliu em seco e sentiu um embrulho no estômago. Sua boca ficou seca de repente, mas ela conseguiu dizer:

– Não me diga o nome dele. Não sei se estou pronta pra isso.

Houve um longo intervalo na conversa enquanto as duas mulheres olhavam para as paredes. Lacy disse por fim:

– Olha, já ouvi o suficiente por um dia. Preciso pensar nisso tudo. Te ligo depois.

Jeri sorriu, acenou e ficou quieta. Elas trocaram contatos e se despediram. Lacy desceu o saguão correndo, mal podendo esperar para entrar em seu carro.

CONHEÇA OS LIVROS DE JOHN GRISHAM

Justiça a qualquer preço

O homem inocente

A firma

Cartada final

O Dossiê Pelicano

Acerto de contas

Tempo de matar

Tempo de perdoar

O júri

A lista do juiz

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

